



UMA ODE AOS HUMILDES E AOS EXCLUÍDOS: EXOTOPIA E HUMANISMO NAS LETRAS DE CHICO BUARQUE

A ODE TO HUMBLER AND TO EXCLUDED: EXOTOPIA AND HUMANISM IN THE LYRICS OF CHICO BUARQUE

Moises Carlos de Amorim ¹

Recebido: 17 nov. 2019

Aceite: 15 dez. 2019

DOI: <https://doi.org/10.29327/2.1373.1.2-5>

RESUMO: Dentre os artistas que se destacaram na música popular brasileira a partir da década de 1960, Chico Buarque tem uma presença duradoura e importantíssima, pois em suas letras é retratada uma parte excluída do povo brasileiro. A atividade exotópica, em Chico, reconhece os tipos sociais mais humildes, que, por vezes, estão à margem da sociedade. Neste reconhecimento, os valores éticos - de solidariedade, de justiça e de humanismo - são amplamente considerados, trazendo uma reflexão acerca das vivências do ser humano, nas relações de alteridade com o meio social. Desta maneira, as letras de Chico Buarque possibilitam o excedente de visão estética, o qual, por sua vez, funda um humanismo constituído na reciprocidade. Dinâmica esta que possibilita o entrelaçamento entre exotopia e humanismo, pensado com auxílio da perspectiva de Mikhail Bakhtin e do Círculo. Considerada política e problematizadora, a lírica buarqueana revela a outra face do povo brasileiro, que, embora carregue o sofrimento, também possui a força e a alegria para suportar as agruras, motivadas pela injustiça social. Neste sentido, aqueles que são vistos como párias, por estarem à margem da ordem social estabelecida, são os personagens centrais de Chico Buarque, de modo que são cantados e valorizados como numa grande "ode", em que prevalecem os valores mais justos e mais plenos de sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Exotopia; Humanismo; Ética.

ABSTRACT: Among the artists who stood out in Brazilian popular music since the 1960s, Chico Buarque has a lasting and very important presence, because his lyrics portray an excluded part of the Brazilian people. Exotopic activity in Chico recognizes the humbler social types, those people who are, sometimes, outside of society. In this recognition, the ethical values - of solidarity, justice and humanism - are widely considered, bringing a reflection on the experiences of the human being,

¹ Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT); Docente da rede estadual de educação de Mato Grosso. Grupo de pesquisa GIEL (Grupo Interdisciplinar em Estudos em Linguagem). E-mail de contato: moisescarmorim@hotmail.com ORCID <http://orcid.org/0000-0002-5608-9126>



in the relations of otherness with the social environment. In this way, Chico Buarque's lyrics enable the surplus of aesthetic vision, which founds a humanism constituted in reciprocity. This dynamic allows the intertwining between exotopia and humanism, thought with the help of the perspective of Mikhail Bakhtin and the Circle. Considered political and problematizing, the Buarquean lyric reveals the other side of the Brazilian people, who, although suffering, also has the strength and joy to endure hardships, motivated by social injustice. In this sense, those who are seen as outcasts, because they are outside of the established social order, are the central characters of Chico Buarque, so that they are sung and valued as a great ode, in which the fairest and fullest values of society prevail.

KEYWORDS: Exotopia; Humanism; Ethic.

INTRODUÇÃO

Na Grécia antiga, música e literatura não eram expressões artísticas separadas uma da outra. O mito de Orfeu que, com sua lira, encantava a todos que a ouvissem, afirma a união entre música e poesia. O trovadorismo, surgido no século XI, também reconheceu a proximidade entre ambas as manifestações, por isso existe um grande número de cantares produzido nesse período (MOISÉS, 2005). Depois, houve a separação e o esforço da poesia em se auto afirmar enquanto palavra escrita, abstendo-se da música (no sentido amplo).

Durante o século XX, com a explosão dos aparelhos eletrônicos, como rádio e TV, o terreno da música popular conheceu o seu auge, de modo que surgiram diversos artistas notáveis, que construíram importantíssimas obras, consagradas até hoje. Embora possuam uma formação cultural expressiva, o que tem importância é o caráter inventivo de cada um deles, tanto ritmicamente (sons) quanto poeticamente (letras/palavra escrita). Tal fato é assertivo, pois em 2018 Bob Dylan ganhou o Prêmio Nobel pelo reconhecimento da sua criatividade como artista e, segundo Sara Danius, secretária-geral da Academia Sueca, “[...] por criar novas expressões poéticas dentro da grande tradição da música americana.” (G1, 2016).

No Brasil, a partir da década de 1960, houve uma consolidação da música popular brasileira. Um dos artistas mais prestigiados desse período, tornando-se um expoente da chamada MPB, é Chico Buarque de Holanda. Em sua obra, questões contemporâneas, mas também de todas



as épocas, são abordadas e refletidas, evidenciando que a sua arte possui uma profunda relação com a vida – a vida dos humildes e dos excluídos. Quando a sua voz fala, a voz do outro ressoa, porque a sua palavra carrega a palavra alheia.

Desta maneira, o dialogismo consolida a obra buarqueana. Mais ainda, o excedente de visão estética (exotopia), conceito de Mikhail Bakhtin para o processo de criação do herói no romance, direciona o olhar para os sofrimentos alheios, alterando a maneira como o sujeito observa o mundo. Ao pensar acerca da criação das personagens na literatura, Bakhtin também compreende a realidade – o acabamento estético da percepção do autor, ao mesmo tempo, carrega a atitude ética do ser humano, porque, segundo ele, “O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 23). E, assim, retornar ao meu lugar inicial, permitindo-me um posicionamento acerca daquilo que contemplo.

Ao entrar nas histórias cantadas por Chico Buarque, o ouvinte amplia o seu olhar abarcando a totalidade do outro, o qual sofre com as precárias condições sociais, oriundas da desigualdade. Cada personagem, nas letras do compositor, leva consigo o sentimento de exclusão e o sofrimento pela desigualdade, mas, por outro lado, também leva a esperança por uma vida melhor, uma postura ética em relação à convivência humana.

A obra de arte que redimensiona a vida, no primeiro plano, ultrapassa o simples jogo de fruição, tornando-se possível não a transformação da sociedade, mas sim uma experiência do indivíduo para além da sua própria subjetividade. A poesia, o romance, o teatro, as canções, enfim, qualquer manifestação artística surge como vivência da alteridade, cuja substância está presente em todas as relações. Portanto, as letras de Chico Buarque de Holanda retratam o sofrimento dos seres mais pobres, homenageando, ao mesmo tempo, o seu ativismo ético perante tal sofrimento, que demonstra um humanismo em que prepondere a igualdade, a justiça, a esperança, a compaixão e a amabilidade entre os homens.



1. APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A criação literária, para Mikhail Bakhtin, funda a vivência total do fenômeno artístico a partir daquilo que ele chama de excedente de visão estética (BAKHTIN, 2011). Embora o pensador russo levante a reflexão acerca do excedente de visão estética para a questão do autor e do herói no gênero romance, pode-se estender esta reflexão para outros gêneros literários, bem como para outras artes. O caráter exotópico está presente em todas as relações comunicativas; mais, ainda, numa pragmática da existência, pois é no reconhecimento do outro que o indivíduo passa a existir, e vice-versa: “Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Nesse sentido, afirma-se que a criação romanesca, ou melhor, o fenômeno da linguagem se constitui fundamentalmente da alteridade. A arte, como elemento de concretude deste fenômeno, condensada no mundo da cultura, possui um sentido ético, que é recolhido inevitavelmente da vida – da vida individual, da vida coletiva. Toda a criação estética se configura abertamente da mundividência do artista criador e, sobretudo, do olhar exotópico frente à realidade circundante, que compreende o tecido exterior do horizonte alheio, contemplando-o com uma atitude responsiva.

“Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 14), e isso, segundo o pensador russo, ocorre na criação literária, como um atributo inevitável do objeto estético. As categorias - autor e herói – na obra do filósofo russo são percebidas como uma completude, sobre as quais se inicia a reflexão acerca da literatura, estendendo-se para o campo social - da pragmática cotidiana.

Segundo uma relação direta o autor deve colocar-se à margem de si, vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida; só sob essa condição ele pode completar a si mesmo, até atingir o todo, com valores que a partir da própria vida são transgredientes a ela e lhe dão acabamento; ele deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 13).



Sem dúvida, a alteridade é condição essencial para o ato comunicativo, seja em qualquer domínio da esfera humana: ciência, arte, família, trabalho, etc. A reflexão do conceito, para além da literatura, demonstra como a teoria bakhtiniana congrega com os diferentes campos de saberes, em que haja relações de linguagem. Para Augusto Ponzio, estudioso da obra de Bakhtin, “O outro impõe sua alteridade irreduzível sobre o eu, independentemente das iniciativas deste último.” (PONZIO, 2012, p. 23), o que se percebe é que, de maneira profunda, “[...] o eu é um compromisso dialógico – em sentido substancial e não formal” (PONZIO, 2012, p. 23). Isso permite conduzir o nosso ponto de vista para uma abordagem que redimensiona qualquer atividade humana alteritariamente, haja vista que todo ato de existência (ética) e todo processo artístico (estético) são válidos porque emergem da experiência dialógica do eu com o outro.

Mesmo uma obra confessional, lírica e subjetivista, carrega a vivência dos transeuntes - sentimentos alheios, que, num primeiro momento, parecem mais de si próprio, do eu que fala por meio da sua própria boca - palavras novas, inteiramente únicas, mas também mil vezes repetidas, sempre ditas, surgidas no real indissolúvel, cravadas na página do livro. Porque, segundo Volochinov, “[...] o poeta [...] não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentam e se impregnam de valorações [...]” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 88): então reside aí a capacidade do artista, o aprofundamento no exterior, por meio da exotopia e, após isso, o retorno a si mesmo, com atitude contemplativa.

O olhar exotópico compõe o atributo humano de significar. A destreza de se considerar o outro que lhe perpassa e, por vezes, apropriar-se de seus elementos constitutivos é um fenômeno presente em todos os terrenos da vida. A cientificidade, a história, a vida cotidiana são estâncias dum sempre compartilhar. O ser age, essencialmente, pelo outro e para outro. E não é diferente no processo artístico, pois o artista recupera um pouco de si e de todos, por isso a arte possui um reconhecido caráter universal. Desta maneira, arte e vida são indissociáveis, estabelecendo relações diretas, equivalentes à medida que o real é reinventado e, portanto, refletido e refratado. (AMORIM; SOUSA, 2013, p. 1184).

Ao pensar no trabalho artístico, quando a obra levanta os problemas sociais que não foram vividos na carne pelo sujeito criador, fica evidente que houve a intenção em compreender um mundo alheio, reconhecendo, assim, o sofrimento do outro por conta das crises políticas e econômicas. A arte, de um modo geral, em verdade, estabelece um olhar exotópico, em que



prevalece um humanismo da alteridade, responsável para que o “eu” se constitua pelo olhar do “outro” e o “outro” se complete pela visão do “eu”, numa perspectiva de reciprocidade.

O que decorre então desta perspectiva é um novo humanismo, que contrapõe às ideias primordiais do antropocentrismo, pois, de acordo com a filosofia bakhtiniana, a centralidade se configura no outro: para eu me reconhecer, é necessário primeiramente que o horizonte alheio me reconheça enquanto indivíduo. A partir disso, toda e qualquer manifestação humana possui significado porque nasce do encontro entre o “eu” e o “outro”. Esta condição inicial demonstra que as obras de arte são produtos sociais constituídas pela vuidade, pois “O caráter específico que confere valor artístico à palavra literária é sua objetificação, sua representação, expressa na posição do outro, e não do eu.” (PONZIO, 2012, p. 208).

Portanto, o eixo basilar do humanismo bakhtiniano está no dialogismo, que funda o pensamento acerca da linguagem e toda pragmática de construção da sociedade. Segundo o filósofo russo, “[...] todas as palavras (enunciados e produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro.” (BAKHTIN, 2011, p. 379), haja vista que antes da minha palavra ser, a palavra do outro sempre existiu e se caracteriza anterior à minha fala: “Por palavra do outro [...] eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa [...], é qualquer outra palavra *não minha*” (BAKHTIN, 2011, p. 379).

Desta maneira, qualquer uso linguístico pertence à infinita teia da comunicação humana. O artista (poeta, romancista, dramaturgo) utiliza as palavras alheias, aprofunda o excedente de visão estética e retorna ao seu próprio interior com a experiência de ter observado o sofrimento do outro. O ato de contemplação-ação consolida o valor alteritário da criação artística, por isso a palavra do outro torna-se a minha contaminada palavra. Para Bakhtin:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la [...] (BAKHTIN, 2011, p. 379).



Essa *filosofia da reciprocidade* e da compreensão coloca as relações de linguagem em primeiro plano, de modo que o todo social existente se projeta por meio da vivência coletiva que ocorre nestas relações. Escrever um poema, um romance, uma peça de teatro, uma crônica, uma letra de música, enfim, é utilizar a linguagem do outro, perscrutar a sensação alheia de vida, determinando um valor humano, um sentido ético e responsivo às questões fundamentais da existência. Tais questões se fundam no outro, na convivência multívoca de vozes e no princípio de que a minha exterioridade se completa em outras exterioridades, pois o dialógico transpassa as estâncias da vida, bem como o terreno da arte. A reflexão sobre exotopia e humanismo, a seguir, possibilita que o mundo seja pensado e vivido de outra maneira, com práticas determinantes para um novo tipo de convivência, cujo princípio está nos valores de alteridade.

2. HUMANISMO E EXOTOPIA EM CHICO BUARQUE DE HOLANDA

O lirismo de Chico Buarque, explícito nas suas inúmeras letras musicais, possui muitas vertentes, que o tornam um dos maiores artistas da cultura brasileira surgido na década de 1960. Tais vertentes englobam a esfera das relações amorosas, do cotidiano, da política, do processo criador na arte etc., de modo que o todo social, consolidado pela vivência com a coletividade, atravessa todas as esferas de produção de sentido. Pode-se afirmar que em Chico Buarque (analisando especificamente o letrista de canções populares) aparece fragmentos substanciais do povo brasileiro, por meio, principalmente, da linguagem utilizada e do olhar penetrante do artista para as questões cotidianas, na sua extralocalização que o permite contemplar os horizontes alheios: Pedro Pedreiro, Juca, Geni e o Zepelim, Meu Guri ou vários outros personagens da sua extensa obra.

A importância de Chico Buarque reside no seu olhar exotópico para o cotidiano de pessoas humildes ou quase sempre excluídas, no reconhecimento de que a sua palavra carrega a palavra do outro. O que se percebe aí é uma arte que coloca em visibilidade os invisíveis, mostrando o conjunto excluído da sociedade, as contradições existentes nela: “[...] para criar um personagem [...], criar um ser íntegro [...], o autor precisa conhecer aquilo que está fora de seu campo de visão,



isto é, sua vivência, seu lugar no mundo - o excedente de visão” (MACHADO, 2010, p. 84). Ir além de si, da pura expressão confessional da vida, ampliando o seu ato de contemplação-ação para o sofrimento alheio. O inacabamento estético corresponde à vasta perspectiva em que o outro pode ser refletido na pupila do olhar do eu, no valor alteritário de reciprocidade, possibilitando ao excedente de visão um conhecimento daquilo que não abarca o olhar do outro. A exotopia, desta forma, modifica a centralidade subjetivista do “eu”, cercada de si próprio, estendendo-se para o “outro” a completude da sua presença, pois a minha existência começa, efetivamente, quando o horizonte alheio me reconhece enquanto um ser humano.

A experiência estética do autor-contemplador, na obra buarqueana, perscruta as vivências dos que sobrevivem à margem da sociedade, e, como toda a gente, possuem conflitos, desejos, esperanças e sonhos. Vejamos, por exemplo, a história de Geni:

Geni e o Zepelim

De tudo que é nego torto
 Do mangue e do cais do porto
 Ela já foi namorada
 O seu corpo é dos errantes
 Dos cegos, dos retirantes
 É de quem não tem mais nada
 Dá-se assim desde menina
 Na garagem, na cantina
 Atrás do tanque, no mato
 É a rainha dos detentos
 Das loucas, dos lazarentos
 Dos moleques do internato
 E também vai amiúde
 Com os velhinhos sem saúde
 E as viúvas sem porvir
 Ela é um poço de bondade
 E é por isso que a cidade
 Vive sempre a repetir
 Joga pedra na Geni!
 Joga pedra na Geni!
 Ela é feita pra apanhar!
 Ela é boa de cuspir!
 Ela dá pra qualquer um!
 Maldita Geni!



Um dia surgiu, brilhante
 Entre as nuvens, flutuante
 Um enorme zepelim
 Pairou sobre os edifícios
 Abriu dois mil orifícios
 Com dois mil canhões assim
 A cidade apavorada
 Se quedou paralisada
 Pronta pra virar geleia
 Mas do zepelim gigante
 Desceu o seu comandante
 Dizendo: "Mudei de ideia!"
 Quando vi nesta cidade
 Tanto horror e iniquidade
 Resolvi tudo explodir
 Mas posso evitar o drama
 Se aquela formosa dama
 Esta noite me servir [...] (HOLANDA, 1979)

Em *Geni e o Zepelim*, os personagens – o prefeito, o bispo, o banqueiro, enfim, todos os segmentos sociais residentes na cidade – que compõem o texto poético-narrativo nutrem um profundo desprezo pela Geni, mas precisam dela para satisfazer o comandante, pois este deseja matar a todos na cidade, caso não seja atendido. Como a Geni é uma mulher da vida, por quem o comandante do Zepelim ficou atraído, acreditam que ela faria tal sacrifício para o bem geral. O refrão demonstra o desprezo que sentem por ela – “Joga a pedra na Geni! Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni!” – e, sobretudo, como a personagem Geni é excluída do meio social porque não possui a moralidade burguesa, que, afinal, consolida-se na hipocrisia.

A voz que narra os acontecimentos descreve-a como uma moça aventureira e cheia de bondade, possuindo certa ingenuidade frente às relações humanas. Amante de toda gente, principalmente dos párias e dos humildes pela mesma condição que a sua, apenas ela podia salvar os habitantes da extinção total, os quais suplicaram humildemente: “Vai com ele, vai, Geni! Você pode nos salvar! Você vai nos redimir! Você dá pra qualquer um! Maldita Geni”.

Chico Buarque promove uma reflexão acerca da alteridade, bem como do humanismo presente nos valores éticos da personagem Geni, para que o interlocutor reconheça na mulher da vida o sofrimento de exclusão, a ótica humilde e sensível de quem vive sob o jugo da cidade. Ela



carrega um fardo social terrível, mesmo assim possui o sentimento de solidariedade e justiça, de modo que se permite a contrariar os seus próprios desejos para ajudar os outros. O excedente de visão estética possibilita a nossa compreensão da personagem, pois ao debruçar-nos sobre a condição humana, logo vimos a sua atitude ética, para além dos julgamentos sociais.

Assim, percebe-se que a narração do acontecimento, em verdade, é uma ode a Geni, que, embora sofra com a repugnância e a violência dos transeuntes, possui um senso de humanidade, fundado na práxis coletiva da convivência justa e solidária. Ao entrar na interioridade da personagem, o interlocutor reconhece o horizonte alheio, em que tanto o sofrimento quanto a esperança se entrelaçam, conjugando realidades distintas com as quais presenciamos as relações humanas:

É a exotopia, ou a exterioridade (*vnenakhodimost*) do meu lugar único no ser que define a vida como uma tarefa – o *dannost* (aquilo que tenho que fazer) que impele nosso *zadannost* (coisas que devo fazer), por assim dizer. O lugar que ocupamos no ser não é meramente um local que ocupamos no espaço e tempo, mas uma tarefa, a obrigação de forjar relações interiores com nós mesmos e com o mundo em que vivemos, o que evitará que todos os elementos separados se dissolvam no caos. (HOLQUIST, 2015, p. 42).

O olhar exotópico se materializa na identificação do caráter emocional do outro e, após isso, no retorno a si mesmo, pois desta maneira se amplia o “meu” olhar com a experiência do outro; experiência que consiste no vivenciamento cotidiano da vida. Em Geni e o Zepelim, a alteridade corresponde ao exame que o interlocutor faz acerca da relação entre as personagens, que demonstram a crueldade dos indivíduos por um lado, e o humanismo ético de Geni, por um outro.

O papel do interlocutor é compreender as contradições existentes na maneira como a sociedade julga ou valora os condicionamentos morais, em que não transparecem um sentido ético de justiça, compaixão, liberdade e respeito. Ao entrar em contato com o sofrimento da personagem, percebe-se o quanto a hipocrisia burguesa determina o apagamento de tipos sociais como ela, que se compromete eticamente na vida.

No entanto, Geni resiste ao deboche e, sobretudo, à violência que lhe imputam os cidadãos, tendo por seus malfeitores não o ódio, mas sim o compadecimento de quem possui forças para fazer o bem aos outros e perdoar os que a machucam com todo arsenal de insultos.



Para Bakhtin, o “[...] *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo” (BAKHTIN, 2011, p. 21). Tal lugar somente eu ocupo, e ocupo dialogicamente, como afirma Augusto Ponzio (2012), à medida em que participativamente existo, por meio da linguagem e dos meus atos, nas várias esferas que compõe o organismo social. Por isso, meus atos, vistos da perspectiva ética, em primeiro lugar, estabelece a correspondência com os demais atos, exigindo que o convívio seja orientado pelo desejo mútuo de reciprocidade.

Nas letras de Chico Buarque, a condição dos humildes e dos excluídos é retratada, evidenciando o protagonismo e a importância dos que sobrevivem à margem da sociedade, na busca de visibilidade e justiça para todos. Ao olhar para Geni, com excedente de visão estética, também é necessário que se olhe para os outros personagens, que embora possuam uma moral burguesa, devido às máscaras sociais que desempenham no cotidiano, são detentoras de vícios assim como a Geni. E, diferentemente dela, não são capazes de atitudes que visem a bem-aventurança para os mais pobres, haja vista que não se compadecem com os sofrimentos alheios e nem desejam repartir os seus privilégios.

No entanto, por mais desesperançada que seja, a vida anônima de pessoas simples carrega as belezas, as lutas e as utopias que, durante muito tempo, foram silenciadas. Embora haja desigualdade, surge a esperança nas ações do povo humilde. Por isso, em Chico Buarque, o que prevalece, após a crítica do esfacelamento social, é a homenagem para os esquecidos, marginalizadas figuras que se expressam ativamente, mesmo com uma sofrida condição:

Subúrbios

Lá não tem brisa
 Não tem verde-azuis
 Não tem frescura nem atrevimento
 Lá não figura no mapa
 No avesso da montanha, é labirinto
 É contra-senha, é cara a tapa
 Fala, Penha
 Fala, Irajá
 Fala, Olaria
 Fala, Acari, Vigário Geral
 Fala, Piedade
 Casas sem cor



Ruas de pó, cidade
 Que não se pinta
 Que é sem vaidade
 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
 Traz as cabrochas e a roda de samba
 Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae
 Teu hip-hop
 Fala na língua do rap
 Desbanca a outra
 A tal que abusa
 De ser tão maravilhosa
 Lá não tem moças douradas
 Expostas, andam nus
 Pelas quebradas teus exus
 Não tem turistas
 Não sai foto nas revistas
 Lá tem Jesus
 E está de costas [...] (HOLANDA, 2006)

Os subúrbios cariocas, nomeados um por um, são lugares onde estão bem evidentes as desigualdades e as lutas cotidianas, em comparação com outro lado da cidade. “Lá” diferentemente de “cá”, de onde o sujeito lírico fala de posição social distinta, “não figura no mapa”, pois foi esquecido por aqueles que vivem longe dali, bem como pelas autoridades públicas responsáveis. Aos subúrbios o sujeito lírico pede que jamais se calem e expressem as suas manifestações culturais: “Fala Penha/Fala Irajá/Fala Olaria/Fala Acari, Vigário Geral/Fala Piedade”. Cada lugar, diferente um do outro, enfrenta basicamente os mesmos problemas, que estão relacionados com a miséria e a falta de investimentos públicos.

No entanto, embora marcados socialmente, cada lugar manifesta as suas expressões artísticas, resistindo à crueldade e à exclusão, posicionando-se eticamente no mundo. Desta maneira, o que o sujeito lírico expressa é um excedente de visão para os bairros pobres da favela e, sobretudo, para as gentes que residem neles. Assim como o sujeito que observa, ao longe, os problemas que existem “lá”, é apenas no ato de contemplação-ação que pode haver uma proximidade entre o ouvinte e a realidade do subúrbio. Isso é o que aproxima a pessoa que fala com os bairros da zona oeste carioca: o excedente de visão estética demonstra que a minha existência possui sentido na alteridade com outras existências, diferentes da minha.



O meu estar no mundo tem como princípio a percepção do horizonte alheio, para além de mim próprio. Desta maneira, fundamenta-se o humanismo bakhtiniano, centrado no valor alteritário da linguagem, por meio do qual construímos todo sentido para nossa vida, em dinamicidade com as percepções alheias acerca de nós. A importância de ouvir aqueles que falam – a filosofia da escuta segundo Ponzio – consolida a nossa prática humanista no cotidiano. É mais do que falar por eles porque ninguém fala por ninguém, logo estamos sem álibi para existir: ouvi-los significa viver alteritariamente, como faz o sujeito lírico da canção de Chico Buarque, que se constitui com a palavra dos outros, as suas palavras: “Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae/Teu hip-hop/Fala na língua do rap/Fala no pé/Dá uma ideia/Naquela que te sombreia”. Segundo Augusto Ponzio:

Na visão distante da arte, “em que a forma adere ao conteúdo e o acalma”, diz Lévinas, e a expressão sucede ao silêncio, a transcendência necessita de escuta. Em Lévinas (também em Bakhtin), a alteridade e a dialogia não são privilégio de um signo enquanto tal, mas existem na expressão que requer a escuta, na expressão da palavra viva que solicita acolhimento da palavra alheia. (PONZIO, 2012, p. 212-213).

Perceber as mazelas do outro é reconhecer que a realidade nos ultrapassa e não se centra em nós mesmos; ao contrário, a realidade começa quando, fora de mim, observo a totalidade do outro, refletindo na minha pupila a pupila alheia, o exterior circunscrito que somente eu – da minha posição – posso ver. Chico Buarque, em *Subúrbios*, descreve os humildes e os excluídos, que vivem problemas decorrentes por conta da injustiça e das desigualdades. Embora o letrista aluda tais problemas, é importante salientar que, de fato, o sujeito lírico faz novamente uma ode ao povo simples das favelas, que luta, sozinho, em meio ao cotidiano: “Lá tem Jesus/E está de costas/Fala Maré/Fala Madureira [...] /Cordovil, Pilares/Espalha a tua voz/Nos arredores/Carrega a tua cruz/E os teus tambores [...]”.

Ao se posicionar como ouvinte que escuta a fala dos outros, ou melhor, que escuta as expressões culturais surgidas nas comunidades, o lirismo buarqueano promove a sua reflexão acerca da alteridade, valorando a filosofia da escuta, que Augusto Ponzio encontra no pensamento de Mikhail Bakhtin, bem como no de Émanuel Lévinas. Assim como em *Geni e o Zepelim*, o sujeito lírico reconhece aqueles(as) que falam, escutando a voz excluída, e retornando a si próprio, com



uma visão ética em que deve prevalecer um mundo solidário, entre os grupos da sociedade. Um mundo onde haja futuro para qualquer pessoa: “Que futuro tem/Aquela gente toda [...]”, questiona o sujeito lírico.

A situação dos excluídos revela que a coletividade não se tornou, no espaço citadino, uma profunda ligação entre as pessoas, tendo cada qual uma experiência de vida singular, com sua identidade individual e social. Em verdade, pragmaticamente, quando se impõe a exclusão do outro, sem dúvida, afirma-se a nossa falha enquanto organismo coletivo e humanitário, baseado na responsabilidade, na compaixão e no bem-estar comum. Toda a coletividade deve se pautar em valores democráticos, de alteridade e compreensão de modos diferentes de vida; ao mesmo tempo, toda coletividade deve se responsabilizar pela miséria, pela violência, pela desigualdade, pelas injustiças, que ocorrem com os demais – aqueles que são visivelmente excluídos.

A exotopia, conceito utilizado por Bakhtin para refletir acerca da criação do herói na obra romanesca, nos proporciona o aprofundamento na maneira como os indivíduos se relacionam enquanto sociedade. E, assim, nosso trabalho reflexivo demonstra que é necessário afirmarmos enquanto coletividade, para que o “eu” passe a existir para “outro”, de forma recíproca, como acredita a voz lírica de Chico Buarque em “Subúrbios”:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. [...] Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Tanto em “Geni e o Zepelim” quanto em “Subúrbios” existe um humanismo ético, cuja base está na alteridade, em que “eu” e “outro” se completam a cada momento, no deslocamento do olhar para fora de si, na atitude responsável determinada pelo excedente de visão, que permite, sobretudo, o encontro dialógico entre dois mundos peculiares, ampliados na ação contemplativa. Desta maneira, a exotopia ultrapassa a reflexão acerca da obra romanesca (literária) e alcança os domínios da existência, fazendo com que os leitores confrontem a sua perspectiva ética frente à realidade. Como nas letras de Chico Buarque, o caráter exotópico reflete a condição de pessoas excluídas (em



“Meu guri” ou em “Gente humilde”, por exemplo, encontrar-se-á personagens que sofrem desde a origem com a miséria), fazendo com que o ouvinte partilhe a solidariedade e a justiça, buscando certos valores que redimensionem a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como processo de criação do herói no romance, a exotopia não reflete somente o acabamento estético da personagem, como um elemento da narrativa. Em verdade, Bakhtin demonstra que na literatura o que prevalece, para além do aspecto estrutural, é a heterogeneidade de posições e os modos de conceber a vida, de modo que a palavra do autor carregue a palavra alheia, aquela palavra surgida no organismo social.

E, deste modo, afirma-se que a teoria bakhtiniana pensa o mundo da cultura para compreender o mundo da comunicação imediata, onde o ideológico emerge no signo, com toda a sua potência. Por isso, as letras de Chico Buarque valoram, sobretudo, uma parte estigmatizada da sociedade: os pobres e os excluídos. Estes, marginalizados, tanto linguisticamente e culturalmente, quanto socialmente e economicamente, foram esquecidos por seus semelhantes, bem como pelas ações políticas dos governantes.

No entanto, o músico-poeta não esqueceu os marginalizados: o problema da exclusão e da desigualdade aparece na superfície do texto. A homenagem está no posicionamento ético de cada um deles perante o sofrimento humano.

Ao se deparar com o horizonte alheio, o contemplador desenvolve um humanismo baseado em valores de vivência coletiva, de justiça e compaixão, demonstrando que a experiência em sociedade deve se pautar, sobretudo, no bem-estar de todos, no deslocamento da minha centralidade para a descentralidade do outro. Como foi explicitado, o conceito de exotopia é fundamental para que ultrapassemos nossa visão hegemônica de realidade, ampliando nossa percepção com uma perspectiva deslocada, em que o outro seja refletido ou refratado em nosso olhar, de modo que o retorno ao “eu” não seja uma experiência nula, mas plena de significação.



REFERÊNCIAS

- AMORIM, M.; SOUSA, D. O eu-outro. In: GALVÃO, V. *et al.* (Orgs.). **Anais do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. UFG, Goiânia: FUNAPE, 2013, p. 1182-1887.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FERNANDES, R. **Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro** Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- G1. **Bob Dylan ganha o Prêmio Nobel de Literatura**. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/10/bob-dylan-ganha-o-premio-nobel-de-literatura-2016.html>. Acesso 30 jan. 2019.
- HOLANDA, C. Geni e o Zepelim (Canção de Chico Buarque). **Ópera do Malandro**, Philips, 1979.
- HOLANDA, C. Subúrbios (Canção de Chico Buarque). **Carioca**. 2006
- HOLQUIST, M. A fuga do cronotopo. In.: BERMONG, N. *et al.* **Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- HOMEM, W. **Histórias de canções: Chico Buarque/Wagner Homem**. São Paulo: Leya, 2009.
- MACHADO, I. Inacabamento como modelo artístico de mundo. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 82-98, 2010.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Cultrix, 33^a edição, 2005.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**/ Augusto Ponzio. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.